



FILOSOFIA



Estudo Dirigido (AV1)

Do nascimento da Lógica à ordenação do Universo

A Filosofia grega constitui um dos pilares da sociedade ocidental. Muitos foram os intelectuais que contribuíram para as intensas reflexões das atividades humanas e suas correlações com a realidade vivida. Dentre esses intelectuais, Aristóteles foi um dos de maior destaque. Sem dúvidas, esse pensador tornou-se um ícone da cultura da Grécia Antiga. Discípulo de Platão, escreveu dezenas de obras sobre os mais variados temas, como Metafísica, Ética, Política e Lógica.

De acordo com Aristóteles, existem ciências que são puramente **teóricas**, isto é, que possuem um caráter mais contemplativos¹ e não teriam outra finalidade senão investigar seus próprios problemas. É o caso, por exemplo, da Matemática e da **Metafísica**. Seriam independentes das outras ciências, servindo de fundamento para todas as demais, sendo, portanto, ciências nobres.²

Existem ainda as ciências **práticas**, que, como o próprio nome sugere, são as que partem de uma base (teórica) e avançam para resolver problemas cotidianos: é o caso da Ética e da Política – são ciências de caráter prático porque exigem respostas mais diretas e objetivas.

Por fim, as ciências **produtivas** (ou Poiéticas) teriam como finalidade produzir coisas específicas, como poesias (poéticas) ou discurso (Retórica).

Aristóteles x Platão

Para Aristóteles, as ciências seriam divididas entre aquelas que permitem agir sobre o mundo e aquelas que permitem pensar sobre o mundo e sobre as coisas que existem no mundo. As que permitam pensar sobre o mundo e as coisas que há nele seriam as ciências teóricas, e as que possibilitam a ação no mundo, seriam as ciências práticas.

Como discípulo de Platão, Aristóteles deu continuidade às reflexões filosóficas de seu mestre, mas, diferentemente daquele, que buscava na Matemática e numa visão religiosa compreender o universo das **ideias**, orientou sua atenção para os fenômenos do mundo, sendo um grande experimentador da natureza. Platão concebia a realidade como

¹ Diferente de Platão, Aristóteles trabalha a questão *contemplativa* de forma relacionada com as ciências nobres, dos quais com elas pode investigar bem as coisas da realidade.

² Ciências nobres reconhecida pelos gregos a Lógica, Gramática, Retórica, Aritmética, Geometria, Astronomia e a Música.

algo caracterizado por distorções, ilusões ou sombras de uma realidade que estaria num outro plano, numa realidade além do que nossos sentidos poderiam captar: um plano inteligível.

Em contrapartida, Aristóteles observava a realidade como múltipla e formada por indivíduos dotados de sentidos. Para isso, desenvolveu suas ideias baseado nas experiências sensoriais, ou seja, partiu dos dados fornecidos pelos sentidos (ouvir, falar, ver, tocar e provar) para elaborar seus pensamentos.

Aristóteles dedicou grande parte de sua vida ao estudo dos mecanismos que conduziram ao bem-estar humano na vida em sociedade. De acordo com ele, "*o homem é naturalmente um animal político*". Defendia, assim, a necessidade natural das interações sociais como meio de significação humana.

Outro tema que recebeu uma atenção especial do filósofo foi o estudo da **Ética**. Aristóteles afirmava que o exercício da Política deveria estar atrelado a uma boa conduta ética. Dessa forma, a Ética e a Política seriam inseparáveis.

Da sensação ao conceito

A teoria aristotélica abordava a realidade e as variações dos seres, perspectivas por meio dos sentidos. Os sentidos são considerados elementos da realidade em que os homens vivem e, portanto, são fundamentais para nos fazer perceber o mundo. Entretanto, os sentidos não são capazes de nos dizer com certeza o que é o mundo. Para isso, faz-se necessário o uso da nossa capacidade racional para com ela estabelecer uma ciência e aí, sim, perceber melhor o que é a realidade.

Aristóteles afirmou que o principal objetivo das ciências consiste em desvendar os elementos que compõem a essência dos seres, buscando características gerais neles presentes, sendo essas características o seu fundamento. Para ele era possível conhecer o mundo por meio da experiência sensorial, aplicando a razão nos dados fornecidos pelos cinco sentidos, descobrindo, assim, a essência das coisas, ou seja, a verdade sobre os diferentes seres.

É importante destacar que, segundo esse filósofo, o conhecimento é a abstração da natureza dos objetos e dos seres; isso resultaria num conceito, num pensamento, mas de maneira diferente da apresentada doutrina platônica. Para o estagirita, não há mundo onde as **ideias** existam por si mesmas; as ideias são o resultado de um processo conduzido pelo intelecto.

As causas de Aristóteles

Aristóteles, é considerado o filósofo das mudanças, ou seja, suas observações sempre partiam das conclusões da natureza obtidas pela compreensão extraídas pelos sentidos. A começar, ele busca as coisas por meio das análises que faz da natureza, como sempre parti do plano material e dá as coisas o nome de substância, essa substância seria o fundamento dinâmico dos seres.

Com o avanço de suas investigações, alcança outro entendimento sobre a realidade, as quais tudo parti de um movimento (devir³). Com isso, Aristóteles acrescenta em suas ideias os conceitos chamados **potência** e **ato**. Para que a construção de suas investigações seja coerente, distribui a divisão de suas teorias em quatro causas:

Causa material: refere-se a matéria do que é feito a **coisa**.

Causa formal: refere-se à forma da **coisa**, à natureza específica, à configuração, aquilo que a coisa tende a ser.

Causa eficiente: refere-se aquilo que dá impulso ao movimento da **coisa**.

Causa final: refere-se aquilo para a qual a **coisa** é feita. (finalidade/fim)

A felicidade humana

Sendo assim, nós, que temos origem na natureza, possuímos uma forma definida (humana), somos feitos de matéria (pele, órgãos, carne, ossos) e existimos segundo uma finalidade. Mas você consegue imaginar qual seria a finalidade de nosso ser, isto é, aquilo que buscamos ao longo de nossa vida? Para Aristóteles, a busca da felicidade (**eudaimonia**) é a grande meta que buscamos atingir ao longo de nossa existência.

Aristóteles define o homem como ser racional e considera que essa capacidade de pensar seria o que nos diferenciaria dos outros animais. Nós somos animais racionais, e esta é a nossa essência. Para ser feliz, portanto, o homem deve viver de acordo com a essência, ou seja, agir guiado por sua razão e por sua consciência reflexiva. E, orientando os seus atos para uma conduta ética, a razão p conduziria à prática da virtude (justa medida de equilíbrio entre o excesso e a falta de um atributo qualquer).

O animal político

O homem é naturalmente um animal político, destinado a viver em sociedade, e aquele que, por instinto, e não porque qualquer circunstância o iniba, deixa de fazer parte de uma cidade é um ser vil ou então superior ao homem. Tal indivíduo, como disse Homero, merece a censura cruel de ser um sem-família, sem-lei, sem-lar. Porque ele é ávido de combates e, como as aves de rapina, incapaz de se submeter a qualquer obediência.

Claramente se compreende a razão de ser o homem um animal sociável em grau mais elevado que as abelhas e que todos os outros animais que vivem reunidos. A natureza, dizemos, nada fez em vão. Só o homem, entre todos os animais, tem o dom da palavra; a voz é o sinal da dor e do prazer, e é por isso que ela foi também concebida a outros animais.

³ Devir: É o movimento das coisas sem que elas percam sua propriedade originais. Ex: a água e seu três estados naturais, sólido, líquido e gasoso.

Estes chegaram a experimentar sensações de dor e prazer e a se fazer compreender uns aos outros. A palavra, porém, tem por fim fazer compreender uns aos outros, fazer compreender o que é útil ou prejudicial e, em consequência, o que é justo ou injusto. O que distingue o homem de um modo específico é que ele sabe discernir o bem do mal, justo do injusto, e assim todos os sentimentos da mesma ordem cuja comunicação constitui precisamente a família do Estado.

Na ordem da natureza, o Estado se coloca antes da família e antes de cada indivíduo, pois que o todo deve, forçosamente, ser colocado antes das partes. [...] Evidentemente o Estado está na ordem da natureza e antes do indivíduo; porque, se cada indivíduo isolado não se basta a si mesmo, assim se dará com as partes em relação ao todo.

Ora, aquele que não pode viver em sociedade ou que de nada precisa para bastar-se a si próprio não faz parte do Estado; é um bruto ou um deus. Aquele que primeiro estabeleceu isso se deve o maior bem, se o homem, tendo atingido a sua perfeição, é o mais excelente entre os animais, também é o pior quando vive isolado, sem leis, sem preceitos.

Terrível calamidade é a injustiça que tem armas nas mãos. Armas que a natureza dá ao homem são a prudência e a virtude. Sem virtude, ele é o mais ímpio e o mais feroz de todos os seres vivos; nada mais sabe, por sua vergonha, que amar e comer. A justiça é a base da sociedade. Chama-se julgamento a aplicação do que é justo.